

# SIMILI-ESMALTE

(Continuação)

Este modo de colorir é muito mais estavel mas exige da parte do operador uma certa pratica de photominiatura.

Afim de que a prova continue depois de fixa á celuloide com o mesmo aspecto que apresenta após o ser pintada, a collagem deve ser feita por meio de *adhesivo* igual ao que serve para a collagem das provas de photominiatura aos vidros curvos escaes.

Em vez de empregar para esta collagem o *adhesivo* vulgar empregado na photominiatura, poderá a collagem ser feita com uma solução tépida de gelatina (quando a prova não fôr colorida).

**Provas em carvão.**—Não passaremos adiante sem frisar-mos que uma prova tirada sobre papel ou pellicula a carvão, impõe-se para este genero photographico, pois que, alem do aspecto vigoroso e lindo, a sua inalterabilidade é inegualavel a outro qualquer papel. E' certo que a sua manipulação não offerece a facilidade d'um papel citrato, mas quem conhece o processo a carvão não deveter a menor hesitação.

O processo a carvão que a muitos se apresenta como um *bicho de sete cabeças* é no entanto facil, sobretudo para quem disponha d'um pouco de habilidade e paciencia.

Duas palavras sobre o processo :

Ha papel *carvão* em todas as côres. Deve ser sensibilizado de vespera, para o que se mergulha durante dois minutos n'uma solução de bichromato de potassa a 2 0/0 no verão e a 3 0/0 no inverno. A seccagem deve fazer-se na camara escura. No dia seguinte imprime-se á luz difusa do dia, devendo a prensa ser carregada no escuro. Como a impressão se não póde vêr, preciso se torna o uso d'um *photometro*. Serve no geral de norma

uma folha de papel albuminado sensivel, cuja impressão deve ir até á força normal d'uma fotocopia (não para virar). O tempo que o *cliché A* marcar no photometro para imprimir o papel albuminado é na pratica o tempo que levará a imprimir o carvão. Feita a impressão passa-se o papel por duas ou tres aguas até que esta saia completamente limpa. O papel, uma vez molhado, deixa de ser sensivel.

Vamos *revelar*: a gelatina, pela acção do banho bichromatado, torna se insolvel nos pontos em que recebeu luz e tanto mais ou menos insolvel quanto mais ou menos luz recebeu. Isto posto, revela-se a imagem mettendo o papel n'uma cuvete de agua quente a 30 graus, balouçando-se constantemente. A gelatina vae dissolvendo-se nas partes que não recebeu luz e nas outras á proporção da impressão que recebeu. A temperatura do banho pode ser augmentada a 40.º ou 50.º conforme a necessidade.

Eis tudo!

O trabalho com a pellicula-carvão é identico.

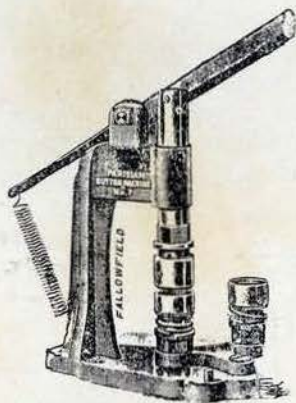
O trabalho de *transporte* faz-se sobre um qualquer papel *duplo-transporte*, donde se transportará para a celuloide.

Tem este processo a carvão ainda a vantagem de não precisar de inverter os clichés para que as imagens fiquem no seu verdadeiro sentido.

A prova photographica prompta, procede-se á sua montagem, que tem por fim dar lhe rigidez e a convexidade especial dos esmaltes.

Para isto é preciso uma machina especial, como a figura junta, e uma montagem metalica recurvada que se vende já preparada para este fim.

A machina, simples, tem por fim, com um simples movimento de alavanca, fa-





zer com que haja uma compressão entre duas fôrmas em cuja convexidade se colloca a prova photographica e a montagem. Após esta compressão, prova e montagem fica como que formando uma só peça com a apparencia d'um esmalte verdadeiro.

Basta collocar (encaixilhar) este esmalte n'uma moldura especial, broche, medalha, etc., para a confusão com um esmalte verdadeiro ser perfeita.

Com cada machina podem fazer-se esmaltes de diversas grandezas, para o que basta ter uma collecção de fôrmas com medidas diversas e as respectivas montagens — medidas que se vendem e estão d'accordo entre todos os fabricantes.

Assim, ha montagens redondas, ovas, rectangulares. As mais vulgares são as redondas e os formatos mais em vaga são os já mencionados; para o que se vendem broches e outras *bijouterias* com as mesmas medidas.

**NOTA.** — Nunca se deve proceder á montagem de provas que não estejam perfeitissimamente seccas.

## A ARTE EM PHOTOGRAPHIA

(Continuação do numero anterior)

De ordinario o amator munido da respectiva machina de mão, aponta-a ao accaso, gasta chapas sobre chapas numa febre doida, numa ancia de acabar de-préssa. São as pessoas de familia, a casa d'uns e d'outros, o cavallo, o cão e o gato das visinhas e dos amigos. Depois, feita esta colheita de assumptos banaes e communs, sempre os mesmos, sem se acompanhar n'essa escolha pela mais pequena sombra de reflexão e estudo ou dá os seus clichés a revelar a mãos mercenarias, ou as revela sem se preocupar das condições de obturação e luz em que foram obtidos. Passam-se em seguida essas imagens, mais ou menos mal reveladas para o papel e obtido o positivo no papel que produza mais em menos tempo, com pouco trabalho e minima difficuldade, offerecem-se algu-

mas provas ás pessoas amigas, que não podem deixar de apregoar aos quatro ventos a habilidade do sr. E. . . , e o seu prodigioso temperamento artistico!

E assim fica consagrado o artista!

E nesta consagração que o impossibilita de distinguir o bom do mau e lhe incute a pernicioso illusão de que tudo quanto faz é magnifico, é maravilhoso!

Eu sei como callam num espiritosinho conscio da sua importancia uns elogiositos e comprehendo como a vaidade inexperiencede se deixa enlevar por umas pá-lavras, muitas vezes aduladoras e de falsa critica, se estragam e se viciam os verdadeiros temperamentos artisticos!

Não será esta a historia de muito *soi-disant* artista? E nos tres unicos momentos em que poderíamos dar á nossa obra alguma cousa de nós mesmos, em que auxiliados pelas nossas faculdades sensoriaes e technicas, ao photographar a imagem escolhida para constituir o assumpto do nosso quadro, ao revelar essa imagem fornecida pela acção da luz e finalmente ao reproduzir essa imagem no papel escolhido como o melhor para obter o effeito desejado, n'esses tres momentos preciosissimos em que poderíamos por qualquer forma oppôrmo-nos á marcha um pouco mechanica e automatica dos phenomenos photographicos, por negligencia, por indiferença, por falsa comprehensão da arte, não modificamos em nada a causa das operações, deixamos como sempre sumir tudo no montão das coisas inuteis, e continuamos radiantes e felizes na senda da rotineirice sem procurar dar um passo pela verdadeira e sublime arte.

\*  
\* \*

Toda a arte tem as suas regras e que se trate de pintura, de architectura, de musica, ou de poesia, ainda que aquelles que as cultivam pertençam á pleiade dos genios, não poderão dar um passo sem o conhecimento das leis, principios e regras que servem de base á sua arte.

Era um genio o principe dos nossos poetas, o inspirado cysne do Ganges, o sublime e melancolico cantor de Nathercia e não pôde subtrahir-se ás regras da metrificacão, ás leis da harmonia poetica.



Principe d'harmonia era o grande e genial Beethoven e todas as suas obras magistraes obedecem aos principios da mesma harmonia. E quanta phrase singela, um mimo de delicadeza e poesia, não soffreu um sem numero de transformações, depois de concebida no espirito do mestre e dedilhada mais tarde no teclado do cravo?

Genio era Leonardo da Vinci um dos maiores mestres da téla do seculo XVI e o mesmo cerebro que concebeu a Ceia e a Joconde, transmittiu ás suas obras os principios immutaveis da prespectiva e as leis immateriaes da composição. E quanto estudo em cada um dos seus personagens cercados de uma sombra dôce e mystica, animados da mesma vida que fervilhava n'aquella cabeça privilegiada! Quanta hora de trabalho, quantos dias, quantos annos para estudar o character de um personagem e inocular-lhe de par com a harmonia da côr, a ideia que deveria anima-lo, o pensamento intimo que devia vibrar intenso e preverso sob a fronte vincada de um Judas, ou dôce e justo no olhar calmo e bom de Christo!

Assim, se a photographia é realmente uma arte ella deve estar submettida como as outras artes a certas regras e a certas leis, leis e regras que derivam, quer da prespectiva, quer da composição, quer da luz. E' por isso que o estudo dos quadros dos mestres no desenho e na pintura, nos podem fornecer um sem numero de recursos e conhecimentos. N'elles encontraremos a cada passo a applicação constante das leis da perspectiva e da composição e por elles podemos aprender a obter os grandes effeitos de luz, o arranjo harmonioso do claro escuro, a variedade, a repetição e uma infinidade de cousas indispensaveis para a producção d'uma obra d'arte. E não lhes pareça exagerado o que ali fica dito. Disse M. Jansen no Congresso de Photographia de 1889, fallando na organização d'uma «Escola d'arte photographica»: — Nada se fará n'este sentido sem submeter primeiro os principiantes a uma aprendizagem do desenho e da pintura. Só depois que elles possuam um sentimento esthetico desenvolvido lhes

deverá ser tolerada a camara escura.

Se a minha pergunta innocentissima, o que é a Arte, fez assomar em muitos labios um risinho desdenhoso, que estranho effeito produzirão as affirmações de M. Jansen?

Se a vantagem da machina photographica está na representação dos objectos sem o mais mesquinho conhecimento do desenho e da pintura, a que vem agora a necessidade de estudar essas duas grandiosas manifestações da Arte? E para que será o tal sentimento esthetico desenvolvido? E' que, ainda que cada um de nós possua em germen o gosto e as aptidões do espirito para a comprehensão e interpretação do Bello, por muito desenvolvida que essa faculdade nos pareça não é o bastante para nos furtarmos ao estudo de tudo o que póde conduzir-nos directamente ao fim que nos propomos, porque só pela profunda reflexão sobre a Arte nos tornaremos verdadeiros artistas.

E' tambem pelo estudo da natureza que as nossas obras podem lucrar tanto, quanto é grande e vasto o campo que ella offerece aos nossos olhos. E que fonte inexgotavel de assumptos na reprodução variadissima dos grandes effeitos de luz! «O céu é para nós o sorriso da natureza e esse sorriso é quasi sempre tão bello, tão grandioso!»

Toda a arte, disse Séneca, é a imitação da natureza. Mas se essa imitação se limitar á copia passiva pela machina photographica com o mesmo materialismo, o mesmo abandono que empregamos nos actos vulgares da vida, apenas conseguimos estragar algumas chapas. Imitar a natureza não é copia-la servilmente; é necessario senti-la, comprehende-la e interpreta-la, por fórma que a imagem obtida não seja uma transcrição fiel, mas uma visão perfeitamente pessoal. Para que d'essa copia resulte uma obra d'arte é indispensavel que ella se nos apresente filtrada pelo temperamento do artista, que nos deixe adivinhar alguma cousa e que alguma cousa nos sugira.

Bacon definiu a arte, o homem accrescentando-se á natureza e assim podemos concluir que para a producção de uma



obra prima a copia fiel da natureza é insufficiente; é indispensavel que o homem, o artista, a complete de qualquer fórma. Póde acontecer que a imagem photographica, copia fiel e pura da natureza apresente qualidades technicas notaveis e que consiga interessar-nos. Mas até onde irá a nossa admiração? Podemos admirar a forma mais ou menos feliz como o operador conseguiu vencer as difficuldades do assumpto e a pericia com que obteve uma boa prova positiva de um negativo já bom de si, e assim admiraremos, a delicadeza e nitidez dos detalhes, a belleza da viragem e uma immensidade de qualidades technicas; mas essa imagem photographicamente perfeita só despertou em nós uma curiosidade relativa e unicamente prendeu os nossos sentidos, isto é, os nossos olhos. Accrescentemos agora ás qualidades technicas uma sabia combinação das linhas, uma escrupulosa ponderação do claro-escuro, em resumo, accrescentemos-lhe a harmonia e o nosso positivo ao mesmo tempo que agradará á nossa vista, despertará na nossa razão uma certa sensação de prazer, uma satisfação agradável, e tanto maior será a harmonia, tanto mais a nossa razão ficará satisfeita.

«O segredo do nosso primeiro entusiasmo deante de uma obra prima, a qualquer arte que pertença é sempre a harmonia.»

Mas nós não temos só sentidos e razão e portanto para que o nosso positivo mereça as honras de uma obra d'arte de mais alguma cousa carece além das qualidades apontadas. Por traz da nossa razão, que nos eleva acima das nossas paixões e das nossas fraquezas ha ainda a intelligencia, suprema reguladora da nossa razão, e toda a obra d'arte fallando aos nossos sentidos e á vossa razão deve fallar tambem á nossa intelligencia. E' pois indispensavel que o nosso quadro tenha um pouco de nós mesmos e que segundo a judiciosa phrase de Caro exprima um estado d'alma do artista que o concebeu, que a harmonia das suas linhas, das massas de luz e sombra, que todo o conjuncto emfim nos impressione, e possua alguma cousa d'inmaterial que

accorde em nós o sentimento do Bello e que falle á nossa alma.

São estes os tres termos sobre que deve assentar toda a obra d'arte; não satisfaça ella conjunctamente os nossos olhos, a nossa razão e a nossa intelligencia e o nosso trabalho quer pertença ás lettras, á arte musical, á pintura ou á architectura, nem pallidamente poderá dar os reflexos d'uma obra prima.

(Continúa).

Noël.



## Aos Commereiantes e Profissionaes Photographicos

Alerta, meus caros senhores! Não vos deixeis dormir como é vosso costume, pensando na *morte da bezerra*, na doce illusão de que *os outros* cuidem dos vossos interesses.

Devido á mudança de instituições e á vontade que parece animar o governo da Republica de attender a todas as reclamações feitas, e attendendo ainda ao muito que se falla na alteração da pauta alfandegaria do paiz, é agora tempo de se reclamar contra o direito alfandegario onerosissimo que sobrecarrega muitos dos accessorios photographicos.

E' preciso não esquecer nenhum, expor bem e portanto claramente, não olvidar o menor detalhe.

Aqui appellamos egualmente para a Sociedade Portugueza de Photographia a quem compete exercer um papel predominante n'este momentoso assumpto para a classe photographica.

São muitos os artigos sobre que se deve reclamar, por mal classificados uns, por muito sobrecarregados outros.

Exemplo;

— Chapas photographicas, artigo pessadissimo, de primeira necessidade e que paga 100 réis por kilo. Não deveria pagar mais que 10 a 20 réis por kilo. E' artigo que se não fabrica no paiz.

— Stereoscopos, que são tributados com 500 réis por kilo.

— *Condensadores* para lanternas, artigo



pesadissimo que não se fabrica em Portugal e paga a 600 réis por kilo.

*Cartão postal photographico* que paga a 1\$000 réis o kilo quando traz no verso, escriptas as palavras «Carte-Postal». Cada milheiro de postaes paga o direito enorme de 6\$500 réis!!! E porquê? Deixou de ser cartão photographico? Não, mas como traz aquellas duas palavras, para satisfazer a uma lei do paiz, *perdeu a sua qualidade* primordial para entrar na classificação generica de «**Impressos avulso**».

— **Cartão para photographia**, que se não fabrica em Portugal, pesadissimo, e que, quando cortado, paga a 150 réis por kilo! Barbaridade. Não deveria pagar mais o cartão cortado que o cartão em folha.

— *Tripés para machinas photographicas*, que não se fabricam em Portugal e que pagam como madeira em obra, a 600 réis o kilo. Este artigo e muitos outros deveriam pagar como *artigos para as artes*.

— *Cuvetes* (tinas para banhos). Sendo em cartão endurecido paga como *artigos para as artes*, a 60 réis o kilo; mas sendo em ferro esmaltado, em vidro, em porcellana, etc., *deixa de ser artigo* para as artes para pagar como *ferro esmaltado, vidro ou porcellana* em obra, a 600 réis o kilo! Ha em Portugal fabricas de loiça, de vidro e de ferro esmaltado, mas não fabricam taes artigos, allegando que não *merece a pena!*

— *Prensas para imprimir photocopias*. Pagam pela *materia*, como *madeira em obra*, quando deveriam pagar como artigos para as artes, a 60 réis o kilo. Poder-se-hiam fabricar em Portugal, mas o nosso operario nega se a isso allegando que é *trabalho maçador!*

É como estes artigos mil outros, que pagam enormes direitos, fazendo com que a arte photographica se não desenvolva como seria para desejar n'um paiz onde se se diz que caminha ao lado das outras nações euroseas.

Não esquecer, não dormir!

E' preciso proceder e já. Enquanto o ferro está quente é que é malhar-lhe.



## Receitas velhas

Esta secção, já ha tempos aberta, serve de logar a formulas e receitas velhas mas

que, devido a consultas que successivamente recebemos, desejamos avivar.

E' vulgar perguntar-se nos se podem substituir este ou aquelle alcali n'este ou n'aquelle revelador. Eis uma tabella com a qual o amador fica instantaneamente habilitado a substituir um alcali por outro.

Equivalente proporção em que uma substancia alcalina, nos reveladores, em caso de necessidade, pode ser substituida por outra

Soda caustica	Potassa caustica	Carbonato soda anhydro	Carbonato soda cristal	Carbonato potassa	Lithina caustica	Amoniaco a 22° B
1,000	1,400	2,650	7,150	3,450	0,600	2,125
0,714	1,000	1,895	5,150	2,464	0,428	1,520
2,353	3,204	6,235	16,823	8,117	1,412	5,000
0,377	0,528	1,000	2,698	1,201	0,226	0,800
0,140	0,196	0,370	1,000	0,482	0,084	0,295
0,200	0,405	0,768	2,072	1,000	0,174	0,615
1,666	2,353	2,208	5,958	2,875	1,000	3,540

\*

O Phosphato Tribasico de soda, pode, com vantagem, substituir os carbonatos



alcalinos em quantidade igual á do carbonato de soda cristalisado.

\*

Os productos chimicos *anhydros* empregam-se, no geral, em metade da quantidade dos cristalisados. Supponhamos, por exemplo, que n'uma formula são indicadas 100 grammas de carbonato de soda cristalisado. Se só se dispor de carbonato de soda anhydro a quantidade empregada deverá ser de 50 grammas.

Os saes anhydros devem sempre ser preferidos por mais puros e mais baratos.

## Escolha e uso das objectivas photographicas

(continuação)

### Objectivas de retratos

Como é sabido, ha objectivas construidas especialmente para retratos, em cuja construcção se sacrifica tudo para assegurar a maior rapidez ou luminosidade com perfeita nitidez só n'um campo muito limitado. Assim, ha objectivas arrançadas para trabalharem com aberturas F. 2,2 F. 4, F. 5, F. 6. Uma objectiva que trabalhe a F. 2, é quatro vezes mais rapida de que outra trabalhando a F. 4, seis vezes mais rapida do que outra trabalhando a F. 5, e nove vezes mais rapida do que outra trabalhando a F. 6.

Taes objectivas, teem, necessariamente, muito pequena capacidade de definição quando usadas a toda a abertura; e quando usadas com diaphragmas de pequena abertura para darem maior profundidade, a perda de rapidez é geralmente acompanhada de outras desvantagens.

O campo de uma objectiva de retratos é extremamente curvo e o seu poder de definição diminue rapidamente do centro para fóra. Por esta e outras razões, taes como a limitada applicação e maior preço, a objectiva especial para

retrato, está sendo deslocada pela anastigmatica, que faz igualmente bem tudo o que aquella pode fazer, e tem alem d'isso um grande numero de outras applicações em virtude da sua melhor correccão.

Ideais são por isso as objectivas anastigmaticas arrançadas para o trabalho de retratos d'entre as quaes a Unar de Zeiss, serie 1-B é um notavel specimen, pois que allia ás boas qualidades das anastigmaticas a capacidade de dar uma agradável suavidade, gradação, volume, qualidades estas que lhe veem d'um dispositivo collocado na frente e que permite afastar ou aproximar entre si os seus elementos, obtendo assim o operador qualquer grau de diffusão ou nitidez que lhe apeteça.

Muitas outras objectivas ha n'este genero podendo especificar-se a Celor, de Goerz, a Homocentric, de Ross, serie B, a Heliar, de Voigtlander, etc.

Ha, modernamente, no mercado, boa quantidade de objectivas especiaes para retratos a preços reduzidos; e a quem não possa chegar ás ultimas citadas, e realmente se dedique em especial ao trabalho de retratos, não duvidamos em recommendar como regra d'economia, algumas d'essas baratas, que utilizadas com criterio dão bellos resultados.

Citaremos d'entre ellas o Menisco Achromatico para retratos trabalhando a F 6, construido pela «Gundach Manhattan Company» que dá imagens d'uma suavidade admiravel.

Não será facil obter-as aqui, mas qualquer fornecedor de artigos photographicos, de Londres se encarregará de a obter.

### Telephoto-objectivas

A objectiva telephotographica, é uma objectiva ou systema de lentes de construcção um tanto complexa, destinada a dar maiores imagens de objectos distantes, do que aquellas que se podem obter com as objectivas photographicas correntes.

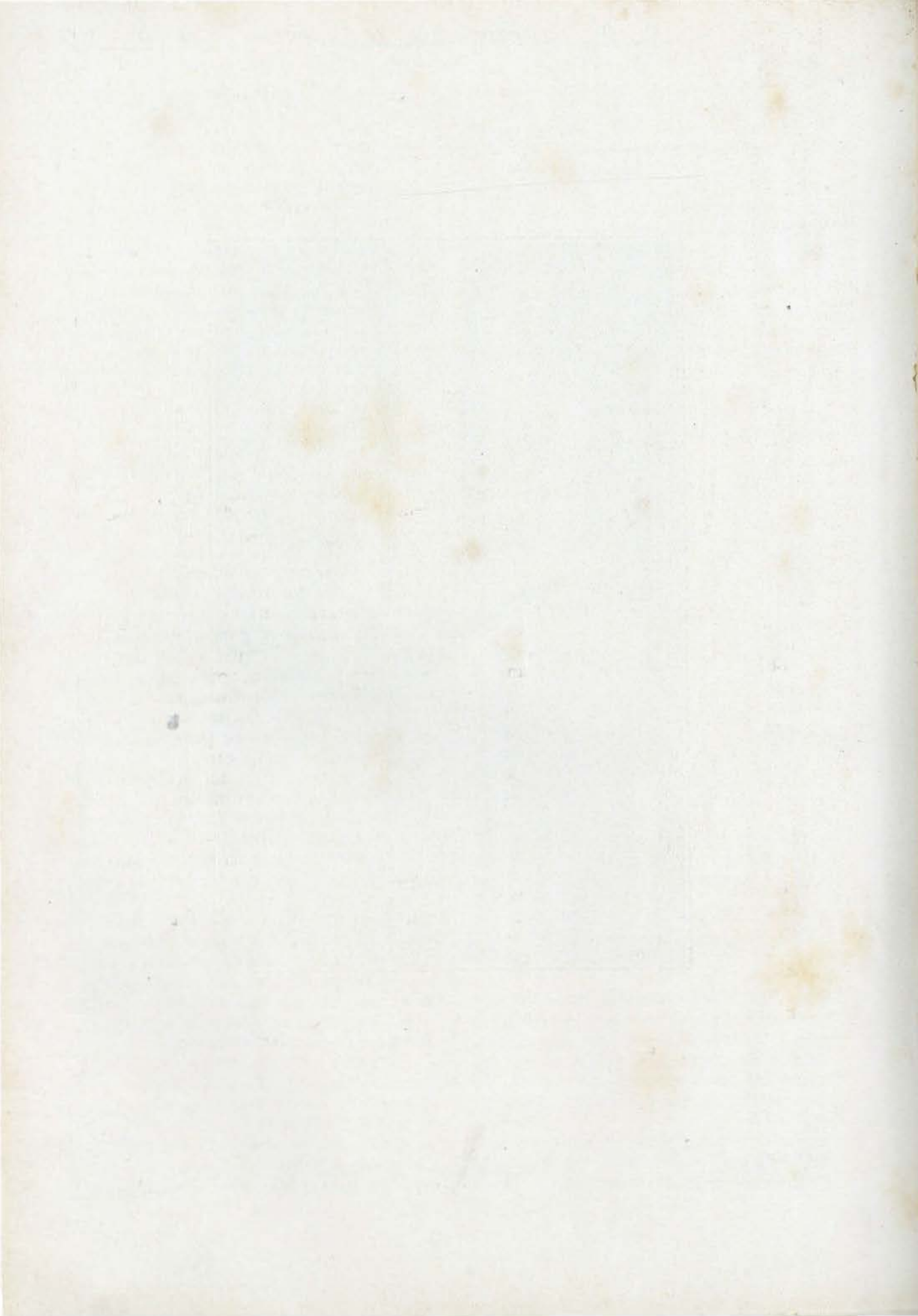
A propriedade peculiar que a torna proeminente n'este ramo especial de trabalho, dá-lhe uma utilidade notavel na

"ECHO PHOTOGRAPHICO"



Em bourenço Marques — Tenente Antonio José Martins







photographia de animaes de retratos, e outras applicações da photographia.

Ha obras interessantes ácerca d'estas objectivas das suas applicações e utilidades, d'entre as quaes recommendamos aos amadores estudiosos o livro de Lummer = Optica photographica = ou o de Marriage = Telephotographia telementar, devendo dizer-lhes entre parentese que estes livros estão ambos escriptos em inglez. A maioria dos leitores porem, contenta-se provavelmente com as noções que vamos dar a este respeito, e por isso ainda que resumidas procuraremos tornal-as bem claras.

### Dimensão da imagem

O tamanho da imagem de um objecto depende:

1.º—Da distancia do objecto á objectiva.

2.º—Da distancia focal da objectiva que se usa ao photographar o dito objecto.

Portanto nós podemos fazer variar as dimensões da imagem, ou a escala de reprodução de um objecto, ou photographando-o de differentes distancias, ou usando objectivas de differentes distancias focaes.

Quando seja impossivel, difficil, ou se não queira alterar a distancia a que se encontra o objecto a photographar, então só podemos variar a dimensão da imagem por meio de objectivas de distancias focaes diversas.

A regra aqui é que, de um objecto collocado a uma determinada distancia, quanto maior fôr a distancia focal da objectiva, maior será a imagem obtida. E portanto, qualquer que seja a distancia focal da objectiva, a capacidade da extensão do folle da camara deve ser sufficiente para permittir o afastamento entre a chapa e a objectiva, necessario para dar uma imagem convenientemente focada.

D'esta maneira, a obtenção de imagens grandes de objectos distantes, envolve ordinariamente o uso de objectivas grandes, pouco manejaveis de grandissima distancia focal, conjunctamente com camaras de folle de uma capacidade de extensão desusada.

### Tele-combinações

O systema de objectivas telephotographicas feito de uma combinação, n'um tubo, de uma objectiva photographica ordinaria com uma lente especial negativa (de augmentar), offerece todas as vantagens de uma objectiva de longo foco sem a necessidade de um correspondente augmento de extensão do folle.

D'esta fórma a objectiva telephotographica é mais leve, menos volumosa e mais barata do que uma objectiva ordinaria da mesma distancia focal e dá maiores imagens de objectos distantes em pequenas camaras de folle de curta extensão do que se poderiam obter por qualquer outro processo.

As telephotoobjectivas vendem-se como instrumentos completos (uma objectiva ordinaria ou positiva combinada com um elemento negativo, montadas n'um tubo munido de movimento por meio de cremalheira ou em um tubo ajustavel permittindo a separação da objectiva); ou simplesmente na fórma de vir a ser accessorio adoptavel (uma lente achromatica negativa montada n'um tubo com cremalheira, tendo tal tubo rosca para poder receber a objectiva ordinaria).

A ultima fórma é a geralmente preferida, porque do tubo póde ser tirada facilmente a lente positiva para se poderem fazer trabalhos vulgares.

A separação dos elementos positivo e negativo por meio do movimento de cremalheira varia a distancia focal do systema, de forma que a objectiva telephotographica é realmente uma objectiva de longo fóco, com distancias focaes variaveis.

O grau de augmento da imagem depende da separação dos dois elementos e será tanto maior quanto mais esses elementos se aproximem.

Por varias combinações de elementos positivo e negativo de differentes distancias focaes, e convenientes extensões de folles, obtem-se um telephotosystema dando diversos graus de augmento segundo as exigencias especiaes dos trabalhos.

Quasi todos os principaes fabricantes de objectivas, fornecem objectivas telene-gativas ou telephotoobjectivas (comple-



tas), e algumas bem economicas e de resultados tão apreciaveis como os obtidos com outras de maior preço.

*B. dos Santos Leitão.*

### **ANNUNCIO IMPORTANTE:**

## **Catalogo Encyclopedico Photographico**

A «Agencia Photographica» participa que já está em distribuição o seu catalogo geral que será enviado contra a remessa de 100 réis — e pede aos seus possuidores o favor de fazerem as seguintes correções de preços:

—Papel Solio... cada pochette 160 réis.

—Estojos em lona 9×12, para machinas photographicas—cada 1:500 réis.

— Alem das emendas a paginas 120 do mesmo catalogo.

### **Publicações novas interessantes**

#### **Manual «Schleussner»**

Um elegante livrinho de 125 paginas, escripto em francez, contendo muitas centenas de formulas e conhecimentos uteis que interessam a todos que gostam de ler e aprender.

O seu mediocre preço, 100 réis, tornam-n'o accessivel a todas as bolsas — e abertamente recommendamos a sua aquisição.

A sua leitura, repetimos, além de util é interessantissima.

\*

#### **Catalogo Encyclopedico Photographico**

A «Agencia Photographica» acaba de lançar á luz o seu annunciado catalogo, que é na realidade o mais completo que até hoje se tem publicado em Portugal. N'elle o amator encontrará tudo que actualmente se vende em todo o mercado de Lisboa.

Contem 144 paginas, mas devido ao typo, miudissimo, e ao aproveitamento de todos os espaços, contem assumpto que daria para a impressão de, sem exagero, 250 paginas.

Abre por um curioso tratado sobre photographia, fechando pelo ensino pratico e maneira de trabalhar com todos os artigos de novidade que nas suas paginas nos offerecem aos centos.

Devido ao grande encargo de semelhante composição, é vendido ao preço de 100 réis.

## **Novidades do mez**

### **Doppel-Volet**

*Doppel-Volet* (Dupla-Tampa) é uma simples tampa de chassis metalicos, que permite tirar duas imagens identicas ou diferentes, sobre uma mesma chapa.

Pode prestar relevantissimos serviços em muitos casos.

Esta tampa, depois de retirada a tampa vulgar, é mettida no lugar d'esta até ao fim, fazendo-se então a exposição de meia chapa. Seguidamente abre-se esta tampa até metade (até á marcação), fazendo-se outra exposição.

E' que esta tampa é aberta n'uma das suas metades.

Pode permittir tambem, com uma só lente, fazer duas imagens stereoscopicas.

Só ha *Doppel-Volets* para chassis 9×12, 9×14 e 13×18.

\*

### **Nova emulsão do papel celoidine do Dr. Jacoby**

Acabamos de receber um pacote com amostras do papel celoidine matte do Dr. Jacoby.

Das experiencias a que o submettemos resolvemos consideral-o um dos melhores papeis do genero «celoidine».

Dá bem com clichés fracos ou duros, fornecendo com estes provas com detalhes admiraveis.

Não estala como os seus similares, mesmo com agua a temperaturas superiores a 15, 18 e 20 graus.



Este papel pode ser submettido a um simples banho de viragem-fixagem recomendado para os *citratos*; mas para que possam fornecer os tons negros de platina, mister se torna submettel o a um duplo banho de ouro e platina. Eis as formulas e modo de operar. O papel imprime-se vigorosamente após o que se lava e submete a uma viragem d'ouro assim composta: — Solução A — Agua 1000 c. c.; borax 5 g. Solução B—Agua distillada 100 c. c; chloreto puro de ouro 1 gramma. Um quarto de hora depois junta-se a 100 c. c. de A, 2 c. c. de B. A prova mergulha-se n'esta primeira *viragem* durante 2 ou 3 segundos (ou até se obter um tom sanguineo-violaceo), após o que se lava perfeitamente passando depois á *viragem a platina*, que é assim composta:—Agua distillada 1000 c. c.; chloroplatinite de potassio 1 g.; acido citrico 20 gr.; onde se demora até á obtenção do tom desejado. Em seguida lava-se bem e fixa-se em hyposulphito a 5 %.

E' conveniente que a fixagem não ultrapasse esta proporção.

A seccagem, como em todos os papeis celoidines, deve fazer-se entre folhas papel *matta-borrão*.

Recommendamos abertamente este papel como, sem exagero, o celoidine melhor que conhecemos no nosso mercado e de mais amplas applicações.

### Curiosidades Conselhos e Formulas

#### Processo curioso de collagem a sêcco

A. E. Rendell envia nos um curioso e practico processo de collagem a sêcco. Eis como elle expõe:

E' necessario um tira linhas, — instrumento munido de um parafuso que serve para regular a largura do traço, — e um tubo de seccotina.

E' preciso tambem uma regoa, uma tigela com agua e uma esponja..

Deita-se uma pequena porção de seccotina em um copo e dissolvei-a com alguma agua até á consistencia de creme. Carregae o tira-linhas com umas gôttas d'esta mistura por meio de um pincel

fino ou da ponta de um palito. Calibradas as provas previamente e postas umas sobre outras, pegae na de cima e, no seu verso, ao longo das margens, fazei com o tira-linhas um traço forte (da largura de cêrca de dois millimetros) servindo-vos da regoa como guia. O traço de colla deve estender-se até á borda da prova. Se a colla não corre do tira-linhas, é que está muito espessa e é preciso diluil-a mais. Mas cuidado em não a tornar excessivamente liquida, porque n'es-se caso as provas não collarão.

Depois de assim manipuladas todas as provas, deixam-se seccar. Uma vez sêccas, — e não antes, — procede se como segue á collagem: Com uma esponja molhada humedece se o cartão pelo lado posterior, e, emquanto elle está humido, colloca-se rapidamente a prova no seu logar, — imagem para cima, é claro. — Applica-se sobre ella uma folha de *matta-borrão* e introduz-se tudo n'uma prensa de copiar cartas, por exemplo, apertando levemente. Tractam-se todas as provas pelo mesmo modo, e vão-se collocando successivamente uma sobre outra, conservando sempre a mesma pressão á medida que o monte vae crescendo. Tudo estará sêcco no fim de meia hora ou ainda antes.

Vêr-se-ha que d'este modo a collagem pode ser feita muito rapidamente e sem haver o perigo de a colla se alastrar pela face da prova. Além d'isso, as provas ficarão bem planas; e, posto que colladas só pelas margens, apresentar-se-hão tão solidamente fixadas nos seus cartões como com a collagem ordinaria. No caso de ser necessario mudar o suporte de uma prova, basta humedecer esta para descollar-se.

#### ANNUNCIO

#### Aos projeccionistas

A nossa redacção possui uma collecção de 24 positivos de projecção contendo os trechos mais emocionantes da Revolução Republicana de 5 d'outubro de 1910.

Vende se cada collecção completa por 37600 réis. Cada positivo avulso 200 réis.

Formato o de projecção (8×10,5).



# PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

— Photo-Magazine — revue hebdomadaire photographique d'amateurs—Paris.

— The Photographic Dealer — published monthly — London. E. C.

— La Photographia Artistica — publication mensuel — Torino.

—Revue photographique de la Societe de Moscou — Moscou.

— Boletim Photographico — revista mensal illustrada de photographia--Worm & Roza — Lisboa.

— Portugal em Africa — revista quinzenal Colonial Illustrada — Rua de St.º Amaro, 75 (á Estrella) — Lisboa.

—Boletim da segunda classe—Homenagem a Alexandre Herculano no centenario do seu nascimento—Vol III—Fasciculo n.º 3— Março, 1910 da Academia Real das Sciencias.

—Journal Suisse des Photographes—organe officiel de l'Union Suisse des Photographes—Lausanne.

—A missão de S. José do Mongué—Trabalhos apostolicos desde 1890 a 1909 de grande valor e proficientemente tratado pelo illustrado Superior da Missão —P. Alberto Teixeira.

..... Preços do .....

## Echo Photographico



Condições d'Assignatura

Nossos Correspondentes



Preço do	I.º anno do "ECHO" luxuosamente encadernado.	2\$800 réis
»	» II » » » » »	2\$500 »
»	» III » » » » »	1\$600 »
»	» numero avulso do I.º anno . . . . .	200 »
»	» » » » II » . . . . .	180 »
»	» » » » III » . . . . .	150 »

### Assignatura dos annos corrente e futuros:

Por anno — 12 numeros — para Portugal, Ilhas e Africa . . . . .	1\$000 réis
Idem — para o Brazil — moeda portugueza . . . . .	1\$200 »
Idem — para o estrangeiro . . . . .	1\$200 »

**Emballagem especial do nosso jornal em pasta de cartão para se não quebrar, augmenta a cada assignatura annual 600 réis.**

### Correspondentes e Representantes do "ECHO PHOTOGRAPHICO"

Em FRANÇA — Mr. Charles Mendel, Rue d'Assas 118 bis— Paris.  
No PORTO — Ex.<sup>ma</sup> Firma—Viuva Silva & Filho—R. Santo Antonio, 90  
Em BENGUELLA — Ex.<sup>mo</sup> Sr. João L. Carreira.

**Acceitam-se representantes e correspondentes em toda a parte do continente, Africa e Brazil — o que empenhosamente solicitamos.**